

Desespero e Clínica psicológica

Myriam Moreira PROTASIO¹

∞

RESUMO

O desespero é comumente compreendido como um peso ou sofrimento que deve ser extirpado da vida. Da mesma forma, o que costumamos entender como doença mortal diz respeito àquele estado de saúde que nos leva à morte. Este texto aponta, com Kierkegaard, para outro modo de compreensão. Primeiramente vai tratar do desespero como doença da existência, ou seja, doença até a morte. Em seguida vai desenvolver sobre a relação entre esta doença, caracterizada como luta contra as condições da existência, e a possibilidade de aceitação destas condições. Por fim, vai apontar para uma clínica psicológica que toma este outro modo de compreensão como fundamento do seu fazer.

PALAVRAS-CHAVE: Desespero. Doença mortal. Clínica psicológica; Sören Kierkegaard.

INTRODUÇÃO

Tu tens um medo: Acabar.
 Não vês que acabas todo dia.
 Que morres no amor.
 Na tristeza.
 Na dúvida.
 No desejo.
 Que te renovas todo dia.
 No amor.
 Na tristeza.
 Na dúvida.
 No desejo.
 Que és sempre outro.
 Que és sempre o mesmo.
 Que morrerás por idades imensas.
 Até não teres medo de morrer.
 E então serás eterno.
 Cecília Meireles, Cânticos VI.

A morte aparece, no poema acima, com sentidos que transcendem o seu sentido mais usual, relativo à finalização da vida biológica que nós

¹ Doutora e mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutorado em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. Professora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910561871917401>

somos. Para a autora, morremos enquanto vivemos, pois viver e morrer estão articulados na vida que somos. Assim, cada articulação existencial que somos é voz de outra que não pode se realizar, de algo que precisou dar lugar para que tal realidade se impusesse. Morremos aos pouquinhos em tudo que fazemos ou não fazemos, em tudo que somos ou não somos, em tudo que desejamos ou não desejamos. A questão passa a ser não a morte ou o morredouro constante, mas o medo da morte. O poema promete: “Até não teres medo de morrer. E então serás eterno!” (MEIRELES, s/d.).

O medo de morrer, a vida em sua íntima relação com a morte e a condição de existirmos sempre como sendo até a morte tem uma relação íntima com desespero, a doença mortal, conforme posto por Anti-Climacus, pseudônimo de Kierkegaard. O desespero é comumente compreendido como um peso ou sofrimento que deve ser extirpado para que o homem alcance paz e tranquilidade na existência. O pressuposto que sustenta esta interpretação se baseia na idealização de uma vida sem dor, sem sofrimento, sem percalços e sem limites, algo como um retorno ao paraíso aqui mesmo na terra. Do mesmo modo, o que costumamos entender como doença mortal diz respeito àquele estado de saúde que nos leva à morte. Esse trabalho pretende levantar outro modo de compreensão a partir do texto de Kierkegaard (2010 a) *Desespero Humano – A doença até a morte*. Primeiramente vai tratar do desespero como doença. Em seguida, da tensão entre desafio e entrega que se mostra nas modalidades do desespero. E, por fim, do modo como estas reflexões podem se desdobrar numa clínica psicológica. Começemos.

DESESPERO COMO DOENÇA

O desespero foi tematizado de forma exaustiva e profunda por Sören Kierkegaard (2010 a), sob o pseudônimo Anti-Climacus em seu texto *A doença mortal*. Talvez não seja exagerado afirmar que este filósofo foi o primeiro a ressaltar o desespero (a doença até a morte) como a própria condição da existência, afirmando que o desespero é a doença da existência. E o é na medida em que a existência do homem não é uma entidade unívoca, mas uma condição tensa, ambígua, dupla, ao mesmo tempo finita e infinita, temporal e eterna, possível e necessária.

Anti-Climacus está dialogando com a tradição que define o que é o homem a partir da tensão com os deuses – dos quais o homem se diferencia justamente por ser mortal; e da tensão com a vida animal, da qual o homem se diferencia porque os animais não sabem de sua condição de mortais, enquanto o homem sim, ele sabe de sua condição. Anti-Climacus abre o texto relatando a situação bíblica de Lázaro, que estava morto e foi ressuscitado por Jesus mediante o pedido desesperado de suas irmãs. Com esse gesto ele

quer mostrar que atende ao pedido das irmãs, mas isso não altera o fato de que Lázaro morrerá outra hora, de qualquer modo. Este ato acena também para o modo como nós, humanos em geral, lidamos com o limite de nossa existência. A finitude, a temporalidade e a necessidade das condições impostas pela vida, entre elas a morte, são experimentadas de forma revoltada, angustiante, desesperada. Queremos o ilimitado, o infinito, o eterno. Lázaro voltou à vida, as irmãs ficaram felizes, mas este estado é apenas parte do caminho. Na continuidade, vida mostra que morte, ou seja, limite, necessidade, temporalidade estão presentes.

Anti-Climacus desenvolve que a existência se constitui em tensão e existir significa lidar de um modo ou de outro com essa condição. Ou seja, desespero não é um estado do qual possamos sair ao concluirmos determinada tarefa ou alcançarmos um objetivo, mas é a condição mesma do existir, tensão que só termina pela morte. A duplicidade em tensão é experimentada pelo indivíduo como dúvida, angústia e desespero, na medida que, em liberdade, ele deve conquistar as determinações que são as suas, o que significa dizer que, dentre as possibilidades, ele precisa descobrir *a* possibilidade que é a sua. Essa possibilidade, no entanto, não é alcançada de uma vez por todas, mas conquistada no próprio movimento do existir, no fluir entre os diversos estados em tensão com a tarefa de conquistar a possibilidade, aquela possibilidade que parece valer não apenas no temporal, mas também na continuidade, ou seja, na eternidade. Mas, o que significa isso?

Anti-Climacus mostra que o problema do até a morte diz respeito a esta condição de existir sempre na duplicidade entre o acontecimento da existência, que é temporal e finito, e a continuidade do até a morte, campo onde pode-se ser formado pela possibilidade, como afirma Haufniensis, outro pseudônimo de Kierkegaard (2010, p. 164). Afinal, como diz Kierkegaard num Discurso Edificante de 1851: “A morte [o limite, a finitude] atravessa a vida, isto é o que ensina o cristianismo, você tem que morrer” (Kierkegaard, 1851/2011, p.97). Com isso se desenha aquilo que o poema já antecipara: o problema na existência não é a morte, já sempre dada, mas a vida, o termos de existir apesar da morte (ou, como Kierkegaard diz, morrendo a morte). E o que isso significa?

Em nosso entender, Kierkegaard está acentuando que existir é tarefa, e que é preciso (porque é possível) conquistar a si mesmo nestas tarefas, para que não venhamos a morrer em vão. O si mesmo (o existir) não é uma abstração, uma idealização, mas este que eu posso ser na concretude da lida com as tarefas, das *minhas* tarefas, as quais só terminam pela morte. Quando o homem se dá conta disso – aquilo que Anti-Climacus define como saída da ignorância, da inconsciência de ter de ser si mesmo -, ele *pode* conquistar a si mesmo. A inquietação (angústia, desespero, dúvida) é o

instrumento existencial que acena para essa tensão entre a vida que já está aí, em sua finitude, necessidade e temporalidade e o caráter da continuidade, que transcende o imediato e se anuncia como possibilidade, infinitude e eternidade, onde se decide se nossas ações foram ou não em vão e onde podemos nos tornar eternos. Mas, como assim, nos tornar eternos? O que está posto aqui em cena é o caráter de continuidade de vida cujo limite não depende de nós, não é definido por nós. E a possibilidade de que, na continuidade, nossa existência conquiste um lastro para além da imediatidade.

Essa é a questão do desespero, que se define como um campo de sentido no qual nossas ações podem conquistar certa validade para além delas mesmas, um sentido que transcende o mero fazer, e que só se esclarece, só pode se esclarecer, na continuidade da existência (o eterno). Veremos as modalidades de existir postas em questão por Anti-Climacus considerando que existir é se determinar de um modo e, ao mesmo tempo, poder se determinar de outro modo e, nesta tensão, nesta duplicidade, poder conquistar a si mesmo. Há, no gesto de Kierkegaard neste texto, uma gravidade, ou uma *seriedade* no sentido do que ele anuncia como *edificação*, ou seja, como o fortalecer a si mesmo na continuidade e na concretude de sua existência. Não poderei me demorar neste tema da edificação neste momento, mas basta anunciar que se trata de algo que se fortalece *em suas bases* e que se conquista *nestas bases*.

DESESPERO NA TENSÃO ENTRE DESAFIO E ENTREGA

A duplicidade posta em questão pela palavra dinamarquesa *Fortvivelse* [fortuilese] e que foi traduzida em português por desespero reflete uma condição existencial difícil de absorver no nosso mundo de certezas e de antecipações, que exige não-contradições e tem como objetivo exercer controle sobre os acontecimentos. Em uma situação clínica que acompanhamos no SPA da UERJ isso fica claro: o analisando chora todas as noites porque vive com seu padrinho, que tem 87 anos, mas se preocupa que algo possa acontecer com a mãe, que mora em outro lugar. Quando está com a mãe, preocupa-se com o padrinho, que já está mais velho e teme que algo lhe aconteça. Morar com o padrinho possibilita que ele estude e se prepare na profissão que escolheu... nesta corda bamba, chora todas as noites. Há, neste caso, tensão que busca repouso. Mas, seria o repouso da ordem da vida ou da ilusão? Trata-se de escolher onde ficar ou o que está em questão é o modo mesmo como este rapaz lida com as condições da vida, da *sua* vida?

Anti-Climacus (Kierkegaard, 2010 a) explicita o desespero como a condição do homem que, não podendo colocar a si mesmo, existe na tensão entre necessidade, temporalidade e finitude, [suas circunstância e sua

condição de mortal] que o definem e limitam uma vez que se constituem como sua realidade; e entre possibilidade, eternidade e infinitude, que sustentam um campo de criação, de liberdade na medida em que ainda há tempo. O que nos importa, aqui, é sustentar a questão sobre a ação do homem, nas circunstâncias que são as suas, ou seja, no modo como nos articulamos com nossas circunstâncias.

Resumidamente podemos dizer: estar desesperado significa não aceitar nossa condição, estar encurralado, sem perspectiva ou mesmo desejar o impossível. Anti-Climacus (Kierkegaard, 2010 a) descreve de forma mais geral – que ele depois irá detalhar, três diferentes modos de lida com a realidade: a primeira se define pela ignorância quanto à sua condição de desespero, ou seja, de mortal. Neste caso o homem não chega a desesperar-se, porque pensa ter todo o tempo do mundo e que a vida nunca lhe cobrará coisa alguma. As outras duas formas vinculam-se ao caso de o homem já estar consciente de sua condição de mortal, ou seja, de ter de existir nos limites que lhe são impostos e a partir destes limites. Nesta situação, consciente de sua situação, ele diz que o homem pode recusar sua situação - não querendo ser si mesmo, esse que ele é em suas circunstâncias; ou pode querer ser um si mesmo de sua própria invenção, imaginando que pode o que não pode, que tem o que não tem, etc....

Vale acentuar, então, que estar desesperado se relaciona com vontade e se resume em querer, de alguma forma, sair da condição tensa em que a existência sempre se constitui, na qual, querendo ser o que não pode, recusando a vida que lhe é dada ou ignorando que vida é tensão, tarefa, estamos nos debatendo com nossa própria condição. Ou seja, como nos aponta Anti-Climacus, vida é ação. O autor vai mostrar que o homem desesperado prefere a luta como força, como imposição, como tentativa de dizer ao destino o que ele deve ser. Ou como dúvida, lamentação, vitimização.

Vale dizer que essas disposições, essas modalidades de lida estão presentes nas tragédias, como por exemplo quando Édipo tenta fugir de seu destino e sai da cidade para não matar seu pai. A cegueira de Édipo é lutar contra o destino, é tentar impor nova ordem à continuidade de sua existência – isso é o que significa desesperar-se, perder a esperança. O que nos importa acentuar é que agir deste modo não é uma condição fortuita, mas uma possibilidade de determinação do homem desde que ele descobriu a liberdade – ou seja, que ele *pode*, é um *ser capaz de*, para além das determinações ou condições dadas. Mas, como então lidar com o destino, ou seja, com a continuidade? Ou melhor, que nos interessa aqui, como conquistar a si mesmo em seu destino?

Anti-Climacus sugere que o remédio é acolher a existência como desespero. Ele diz: desespero não é a doença, mas o remédio. E o homem

pode aprender e edificar-se em desespero, ou seja, em sua situação de tensão que não se fecha e, nessa tensão, na continuidade dessa tensão, conquistar sua medida. A continuidade se define como o caráter eterno do homem, campo de possibilidade para a possibilidade, ou seja, aquele campo já apontado por Haufniensis em que tudo é igualmente possível. Haufniensis mostra que o problema é que o homem tende a pensar a continuidade, o possível, *o ser capaz de* como voz de sua vontade, esquecendo o tudo é possível da vida que está sempre na tensão que tanto pode abrir como fechar o campo dos possíveis. O possível não como abstração, mas como existência, minha existência, campo onde, a cada vez, se pode aprender sobre aquilo que importa preservar. Haufniensis se refere a este movimento como escola do possível. Também Anti-Climacus se movimenta neste sentido ao pensar que o homem pode transparecer para si mesmo como este que é e conquistar a si mesmo em sua condição, desde que não se deixe levar por ilusões e prefira enganar a si mesmo pensando ser o que não é ou pensando poder o que não pode.

A ênfase deve recair, portanto, no fato de que o homem não pode colocar a si mesmo, não pode colocar a relação que ele é e determinar suas condições, mas *deve* (no sentido de que ele só pode) realizar-se *nessa* relação e na continuidade do existir. A continuidade é, ao mesmo tempo, o campo de possibilidades e o seu limite, porque o homem não pode conhecer a totalidade, mas, ao mesmo tempo, pode se deixar guiar pela totalidade de sua existência a cada vez presente. Isso significa dizer que a consciência não é uma abstração, mas uma autoconsciência, consciência de si que se reflete como ação, ou seja, não acontece fora do ato de sua realização. Realizando-se o homem pode ir se medindo com a totalidade de sua existência e ir julgando o quanto está afinado em suas ações, podendo decidir o que deve fazer, mas também as condições, ou seja, *como* deve desempenhar suas ações (Ferro, 2012). O que nos interessa aqui é acentuar que há um campo de luta entre a multiplicidade e a indeterminação das condições e a possibilidade de constituir uma unidade no existir. A existência se materializa como este campo em que o homem *pode* arriscar-se, ou mesmo entregar-se – atividade e passividade se complementam - na tarefa de decidir o que importa e o que não importa, assim como que ações tomar e como tomá-las (e ir se afinando com a eternidade de seu próprio existir). Este pode ser o espaço para a clínica psicológica, como trataremos a seguir.

DESESPERO E CLÍNICA PSICOLÓGICA

Como tentamos mostrar, com Anti-Climacus, as condições do homem já estão, de certa forma, dadas ou determinadas em seu caráter de finitude, necessidade e temporalidade. No entanto estas condições são insuficientes

para determinar o que a existência (o homem) é, uma vez que ela também se constitui em seu caráter indeterminado de infinitude, possibilidade e eternidade (possibilidade para a possibilidade). Desespero e angústia se mostram, então, como o campo de liberdade no qual um homem pode conquistar as determinações que são as suas, ou seja, dentre as possibilidades, a possibilidade que é a sua. Usei aqui um artigo definido, pois quero acentuar que o que está em questão é o perigo de que o homem, sucumbindo às determinações, esqueça-se de seu caráter de *possibilidade para a possibilidade*, e venha a perder-se a si mesmo na mera repetição cotidiana do mesmo. Ou, por outro lado, acreditando-se ilimitado, constituído apenas como possibilidade, este homem jamais constitua um lastro com sua própria existência.

Em nosso entender é por isso que Anti-Climacus defende que a doença do desespero é, na verdade, desejo de medida. Medida não é algo arbitrário, normativo, mas campo em que *sempre* já estamos e a partir do qual *podemos* nos conquistar. Isso significa dizer que a instância original de medida é a *minha vida*, como a condição de possibilidade que marca a validade do acontecimento no âmbito do si mesmo em sua existência. O si mesmo é a instância que une os elementos em tensão e que tem um caráter *novo* de produção de sentido, que é o que realmente importa. O si mesmo não é abstrato, mas é sempre este que sou na medida mesma em que sou e vou superando a indeterminação e introduzindo unidade da *minha vida* na multiplicidade da existência.

Mas, como um homem pode apreender esta totalidade em que pode conquistar da *sua vida*? Tentemos pensar esta questão voltando àquele rapaz a que nos referimos no início deste texto, que chora pelo impasse de não poder estar com o padrinho e com a mãe ao mesmo tempo. O que se mostra é a tentativa de negar as condições de sua existência, suas impossibilidades e limites. Isso fala de nossa tendência a existir em luta contra as condições que nos são dadas, em lugar de lutar *nas condições*. O que sustenta sua luta é a vontade, que pensa poder impor-se sobre as circunstâncias. Um querer, ou não querer que, ao querer ou não querer luta contra a maré e não se entrega ao seu destino. Anti-Climacus diz que querer e não querer são o mesmo, apenas em direção oposta. O que está em questão é a ilusão da vontade como suficiente para determinar a verdade ou o si mesmo em sua verdade. Pois lamentar é também uma forma de tentar impor condições. Mas verdade não é nunca imediata, mas uma apropriação, um constante apropriar-se. Destino não é uma predeterminação objetiva, mas uma condição, a de *poder-ser*, a de *ser capaz de...* Assim, conhecer o destino, ou seja, a *minha* verdade, implica uma lida com a existência ao modo de entrega, de escuta atenta, afinação...

Em nosso entender, a clínica psicológica é espaço profícuo para o aprendizado desta escuta, espaço onde analista e analisando, a seu próprio modo, estão focados na situação que inquieta, que embaraça e solicita. A clínica de que estamos falando é aquela que já se exercita como aprendizagem na escola da angústia ou do desespero ao modo de paciência, da escuta atenta, da afinação com a situação. Um deixar-se guiar que prescinde de controle, que escolhe aprender em lugar de dominar. O bom clínico é aquele que aprendeu a angustiar-se na paciência. Na paciência ele ajuda a si mesmo enquanto ajuda o outro, conquista a si mesmo enquanto ajuda o outro a conquistar a si mesmo. Nesse mútuo claudicar, nessa fraqueza que é força, as ilusões (de ambos) podem ser desfeitas e o que é pode vir a ser outro, renovando o campo de sentido.

Com relação ao nosso rapaz, essa clínica psicológica representa o campo em que o possível e o eterno possam deixar ver a totalidade, transformando o modo como ele lida com as circunstâncias e abrindo novos sentidos para a existência. Espaço em que o lugar do estudar ganha as devidas proporções e justificam (fundam) sua decisão por estar na casa do padrinho. E sua preocupação com a vida deles, tanto do padrinho quanto da mãe, aparece como um cuidado que quer o que não pode, pois a finitude é transversal a todo vivente e ele não pode mudar este caráter original da existência. Essa clínica se converte, então, em *escola do possível*, plagiando Haufniensis (Kierkegaard, 2010), espaço em que ele aprende sobre si mesmo, sobre sua situação, sobre a tensão que ela carrega, de forma a ir decidindo pelo caminho a tomar, preservando o que merece ser preservado e deixando ir o que não merece ser preservado.

Essa clínica, ao sustentar a possibilidade de que se encontre a resposta que melhor se afine à situação, para que se saia da ilusão de uma vida sem tensão, para que a vontade encontre seus limites, pode criar a atmosfera propícia onde um homem conquiste a si mesmo em sua realidade. Algo como a entrada do eterno no tempo, um instante que, como um piscar de olhos, *abre* o campo de sentido no qual aparece a totalidade da vida, da *minha* vida, deixando ver a medida do que é e do que pode ser. E então se é eterno – como apregoou Cecília Meireles (s/d).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou considerar uma possibilidade de clínica psicológica que, com Kierkegaard, se ampara no caráter da existência como abertura originária (angústia) e como tentativa de ter domínio sobre essa situação (desespero). Para Anti-Climacus (Kierkegaard, 2010 a), como vimos, o eu, a existência, se constitui como duplicidade enquanto relação que estabelece com a relação que ela é. Isso significa que as condições do homem já estão,

de certa forma, dadas ou determinadas em seu caráter de finitude, necessidade e temporalidade. No entanto estas condições são insuficientes para determinar o que a existência é, uma vez que ela também se constitui em seu caráter indeterminado de infinitude, possibilidade e eternidade.

Essa duplicidade é experimentada pelo indivíduo como dúvida, angústia e desespero, na medida em que, em liberdade, ele deve conquistar as determinações que são as suas, o que significa dizer que, dentre as possibilidades, ele precisa descobrir *a* possibilidade que é a sua. Essa possibilidade, no entanto, não é alcançada de uma vez por todas, mas conquistada no próprio movimento do existir, no fluir entre os diversos estados e disposição de ânimo e em tensão com a tarefa de conquistar a sua possibilidade, aquela possibilidade que parece valer não apenas no temporal, mas também na continuidade, ou seja, na eternidade.

Uma clínica psicológica que se afine com a compreensão de Kierkegaard sobre o eu como desespero tem a paciência e o pacientar como seus elementos. Pacientar deve ser compreendido como o próprio caminho compartilhado, cujo movimento segue o fluxo dos acontecimentos. É no caminhar que a clínica mostra sua destinação, à medida que vai se ampliando o que merece ser ampliado, que se vai restringindo o que merece ser restringido. É nesse claudicar de lado a lado, nesse bordejar em que a indeterminação se determina, que uma pessoa pode transparecer para si mesma e para o mundo como esta que ela *pode* ser, podendo acolher sua situação de mortal como a força que sustenta a vida como possibilidade. Uma vida que merece ser vivida e acolhida como graça, gratuidade que não escolhe a si mesma, mas que aprende, a cada vez, a amar a si mesma.

Despair and Psychological Clinic

∞

ABSTRACT

Despair is commonly understood as a burden or suffering should be removed from life. Likewise, what we normally understand as a deadly disease concerns the state of health that leads to death. This text points, with Kierkegaard, to another form of understanding. First, it will deal with despair as a disease of existence, that is, a sickness unto death. Next, the relationship between this sickness, characterized as fighting against the conditions of existence, and the possibility of accepting these conditions will develop. Finally, it will point to a psychological clinic that has this other form of understanding as the foundation of its practice.

KEYWORDS: Despair. Sickness unto death. Psychological clinic. Sören Kierkegaard.

REFERÊNCIAS

FERRO, N. (2012) A categoria da preocupação (Bekymring) nos discursos edificantes. Em **Estudos sobre Kierkegaard**. São Paulo: LiberArs. Pp. 89-139.

KIERKEGAARD, S. A. (2010) **O Conceito de Angústia**. (Á. L. Valls, Trad.) Petrópolis - São Paulo, RJ - SP: Vozes - Editora Universitária São Francisco.

KIERKEGAARD, S. A. (2010 a) **O desespero humano**. (A. C. Monteiro, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Editora Unesp.

KIERKEGAARD, S. A. (2011) **Para un examen de sí mismo recomendado a este tiempo**. (A. R. Albertsen, & colaboradores, Trads.) Madrid: Trotta.

MEIRELES, C. (sem/data) **Cânticos**. Exemplar digital. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1VymQGH35tccHSvYoDkAE_0N0Dmof5WDD/view